

MERCADOS

Balanço A Euronext criou equipa para atrair empresas. A viver a pior fase dos últimos 30 anos, a Bolsa tenta sobreviver. Muitas cotadas são zombies

'Querido, Mudei a Bolsa' precisa-se. Urgente

Textos ELISABETE TAVARES

O processo estava todo preparado. Tínhamos o dossiê pronto para ir para a Bolsa", diz Mário Ferreira, proprietário da Douro Azul. "Fomos duas vezes à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) a reuniões e recebemos elogios à forma como a empresa era gerida. Depois, tudo caiu". A empresa anunciou em 2010 que pretendia ir para o mercado de capitais mas não chegou a ir. "O nosso banco achava que havia melhores formas de financiamento". O banco era o BES.

A empresa de cruzeiros no Douro continuou com o seu plano de negócios. Mas agora financiado pela banca. Mário Ferreira diz que o BES não era o único banco a ter este comportamento. "Não me entusiasmarei muito para ir para a Bolsa. Mas senti e notei que outros bancos faziam o mesmo. Preferiam manter do seu lado as boas empresas, em vez de as ajudar a ir para a Bolsa". A montagem do processo custou à Douro Azul €200 mil. "Só posso estar grato ao banco porque me conseguiu o financiamento. Mas foi negativo para o mercado de capitais", diz Mário Ferreira.

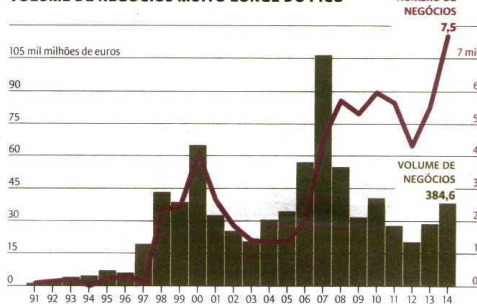
O caso não foi único. A Caixa Geral de Depósitos (CGD) recusou recentemente levar para a frente uma operação de dispersão de capital em Bolsa de uma empresa por ter uma avaliação inferior a €500 milhões. Contactada, a CGD escusou-se a responder às questões do Expresso.

"Esperemos que as coisas mudem", afirma Mário Ferreira. "Nota por parte de um grande banco abertura para que façamos uma emissão de obrigações que irão depois estar cotadas em Bolsa, de forma a financiarmos a nossa expansão e internacionalização. Estamos a olhar para isso."

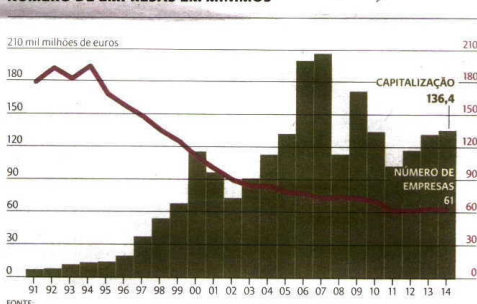
Para já, a Euronext criou um grupo de trabalho para aproximar as empresas não cotadas do mercado de capitais, com o objetivo de atrair novas empresas para se cotarem em Bolsa. Uma iniciativa que consiste no agrupamento de várias áreas de negócio e de suporte, que posteriormente se agrupam com parceiros estratégicos, nomeadamente, bancos de investimento, firmas de advogados e consultoras. Não é a primeira iniciativa do género da Euronext. Nos últimos anos fez várias parcerias para atrair pequenas e médias empresas para o mercado destinado a esse segmento — o Alternext. Mas com pouco sucesso.

A banca não é o único entrave ao desenvolvimento da Bolsa portuguesa. Desincentivos fiscais e uma cultura de gestão com as costas voltadas para o mercado de capitais também não ajudam. A crise financeira e os escândalos empresariais em Portugal atiraram a Bolsa para a pior fase em 30 anos. O facto foi sublinhado recentemente por Carlos Tavares, presidente da CMVM. São cada vez menos as empresas em Bolsa. E muitas das cotadas não passam de zombies, sem

VOLUME DE NEGÓCIOS MUITO LONGE DO PICO

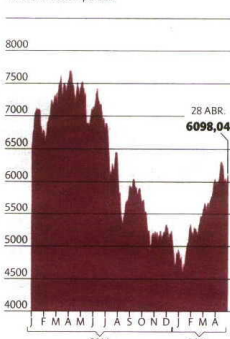


NÚMERO DE EMPRESAS EM MÍNIMOS



DEPOIS DA TEMPESTADE

Índice PSI-20 em pontos



FONTE: THOMSON REUTERS

negócios a registar no mercado. A credibilidade está muito afetada. A criação da Instituição Financeira de Desenvolvimento (IFD), o banco de fomento, é vista como uma possível via para ajudar a revitalizar o mercado de capitais português. Questionado sobre esta possibilidade, o presidente da IFD, José Figueiredo, não deu respostas, até ao fecho desta edição.

Portugal precisa de uma Bolsa?

A resposta geral é 'sim'. O crescimento das empresas e da economia depende do financiamento. E um mercado de

capitais forte pode ser o motor por excelência desse crescimento. Ex-presidentes da Bolsa e emittentes defendem um plano urgente para dinamizar a Bolsa, recuperar a credibilidade e mudar mentalidades. Defendem uma maior atenção ao mercado português por parte do Governo. Isto porque o pensado Mercado Único Europeu não está à vista no muito curto prazo. E outros países europeus têm vantagens para as empresas se financiarem no mercado que em Portugal não existem. Incluindo um regime fiscal mais favorável ao investimento na capitalização das empresas. Era preciso que

A Bolsa portuguesa já teve melhores dias. Longe da euforia das privatizações, precisa de tornar-se atrativa para empresas e investidores

FOTO RUI OCHOA



a questão fosse uma prioridade do Governo. "A dinamização do mercado de capitais em Portugal passa prioritariamente por atrair mais empresas para abrirem o seu capital em Bolsa, e eu diria que esse deveria ser um desígnio nacional", afirma Luís Laginha de Sousa, presidente da Euronext Lisbon. No Ministério das Finanças reina o silêncio quando questionado sobre a atual situação e sobre o futuro do mercado de capitais português.

Mas a Euronext não escapa a críticas. "Deve haver uma estratégia que obrigue o grupo Euronext a concentrar-se nas reais necessidades da

economia portuguesa e das nossas empresas, com um modelo de negócio, regras, preços e iniciativas que sejam adequados à nossa realidade e não aplicando acriticamente condições que foram desenhadas para um mercado (francês) de dimensão completamente diferente", afirma Abel Sequeira Ferreira, presidente da associação de emittentes, a AEM. Porque a Bolsa já não é bem portuguesa. Está integrada na plataforma da Euronext. Mas o momento atual pode ser único para preparar a Bolsa portuguesa para o que aí vem.

etavares@expresso.imprensa.pt



Mercado Único de Capitais ganha balanço

A proposta da Comissão Europeia de criar um Mercado Único de Capitais recebeu em Riga o apoio dos ministros das Finanças da UE. A ser criado, poderá impulsionar o crescimento económico da região ao dar às empresas europeias um acesso mais abrangente a capital em todos os 28 Estados-membros. Enquanto nos Estados Unidos as empresas, incluindo as pequenas, recorrem à emissão de ações

e obrigações para se financiar, na Europa o filme é outro. As empresas recorrem sobretudo à banca. Avançar com um mercado único implica a harmonização de legislação, nomeadamente fiscal. Em junho, os ministros das Finanças da UE decidem o que deve ter prioridade. O influente grupo de reflexão Bruegel, sediado em Bruxelas, propôs que a UE se concentre num número limitado de reformas.

CASOS QUE MANCHARAM A BOLSA

GES/BES

O poder e influência de Ricardo Salgado eram vastos e inquestionáveis. Ou não fosse apelidado de o 'Dono Disto Tudo'. Por isso, a queda chocante e abrupta do GES foi um terremoto com várias réplicas e um tsunami (Portugal Telecom). O caso fez manchetes nos sites dos principais media internacionais: "Financial Times", "Wall Street Journal"... E com o nome do BES e do GES também o de Portugal foi arrastado para o fundo. A Bolsa perdeu de uma assentada duas empresas: BES e Espírito Santo Financial Group. O índice PSI-20 passou a ter 18 títulos. E não se vislumbra que tão cedo passe a ter mais cotadas. O facto de o BES ter tido o aval dos reguladores para fazer um aumento de capital, antes da sua queda, ainda parece ser irreal.

Portugal Telecom

Traída pelo principal acionista. E pela gestão, segundo o que apurou a comissão parlamentar de inquérito ao caso GES/BES. A Portugal Telecom investia há anos em dívida do GES. Financiava o seu acionista. Sem controlo. Em 2014, tudo foi exposto. O Expresso contou a 26 de junho do ano passado que a PT tinha €900 milhões aplicados em dívida da Rioforte, uma holding do GES. A Rioforte falhou. A PT, a meio de uma fusão com a brasileira Oi, foi humilhada pelos brasileiros e forçada a ceder uma parte da posição acordada na nova empresa resultante da operação de concentração. A PT, operadora de telecomunicações, dona do Meo, acabou vendida pela Oi à francesa Altice. A PT, cotada em Bolsa, dona de uma dívida (até ver, incobrável) da Rioforte e da posição na Oi, é uma pequena e mínima sombra do império que já foi.

Sonae Indústria

O último aumento de capital da Sonae Indústria só não foi pior para os investidores por intervenção da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM). O polícia da Bolsa obrigou a empresa a manter-se cotada por dois anos após a operação. O aumento de capital da Sonae Indústria, feito com um preço muito baixo, gerou queixas de investidores. À CMVM chegaram mais de uma dezena de queixas/ pedidos de esclarecimento por parte de investidores insatisfeitos com a operação. A CMVM esclareceu que a operação era legal. E tentou, pelo menos, permitir que os investidores pudessem vir a recuperar o seu investimento. A própria Sonae Indústria confirmou ter recebido pedidos de informação de investidores e manifestações de desagrado relativas ao preço de emissão das novas ações. O mal estava feito.

Brisa

Dia 10 de abril de 2013. Foi o último dia de negociação da Brisa em Bolsa. A empresa dona da maior rede de autoestradas em Portugal foi uma das estrelas nas privatizações. A heroína que atraiu milhares de investidores individuais para a Bolsa. Saiu da Bolsa como vilã. O pedido de perda de qualidade aberta da empresa liderada por Vasco de Mello foi feito em setembro pela Tagus, o veículo controlado pelo Grupo José de Mello e pelo fundo Arcus. A CMVM aprovou. A saída ocorreu na sequência de uma oferta pública de aquisição lançada pela Tagus em março de 2012. A operação foi incentivada pela banca. O Grupo José de Mello tinha dado ações da Brisa como garantia em empréstimos.

Cimpor

A cimenteira, alvo em 2012 de uma OPA da Camargo Corrêa, afundou em poucas sessões. Isto porque os investidores contavam com a saída de Bolsa da empresa, depois da brasileira ter conseguido ficar com 95% do capital. Mas não.

EX-PRESIDENTES DA BOLSA PEDEM AÇÃO



ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE

Presidiu à Bolsa entre 1998 e 1999. É um aficionado dos mercados de capitais. "Tanto acho que o país precisa de uma Bolsa que perdi importantes montantes das minhas poupanças para lançar um mercado alternativo (PEX)". A nova Bolsa "foi torpedeada nomeadamente pelo então Grupo Espírito Santo (GES), que se via como tutela da Euronext e tudo fez para que nós tivéssemos de ir à procura de nichos cada vez mais estreitos para sobreviver". Podia ter sido diferente "se o sistema fosse mais aberto". "A quebra do GES vai permitir refrescar os processos na nossa economia", diz. Porque a elite portuguesa "foi convivendo bem" com o modo de agir do GES. "Mesmo pequenas iniciativas em alternativa, se não tinham o amém de quem mandava, estavam condenadas ao fracasso", lamenta. Emissões foram abortadas e operações desfeitas porque não havia aprovação de quem interessava. "Há vários episódios que provam que havia uma ideia de concentrar tudo num mercado em que determinado grupo tinha mais influência". E apela: "Precisamos da Bolsa e precisamos de mais instrumentos que permitam capitalizar as empresas".



ÁLVARO DÂMASO

Liderou a Bolsa e dois reguladores: a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários e a Anacom. Diz que se existe uma altura boa para lançar um plano urgente e atrair investidores para a Bolsa portuguesa é agora. Isto porque a credibilidade das empresas portuguesas, gestores e Bolsa está no fundo. "O mercado português hoje é objeto de uma grande desconfiança", afirma. Os escândalos recentes afastaram investidores estrangeiros. Mas é neles que pode residir um futuro mais promissor para o mercado de capitais português. E dá o exemplo dos CTT. "Tem o capital pulverizado e disperso por todo o mundo. Mas é uma empresa com características nacionais". "As empresas que vão subsistir no mercado vão ter essas características". Mas "a estratégia nacional está claramente voltada para o Estado. O Estado tem ocupado muito espaço, muita atenção", diz. "E o Estado estraga a economia", adianta. "Portugal está desengonçado, nos seus desígnios, na sua estratégia". Na Europa, o futuro poderá passar por uma Bolsa europeia mas não no curto prazo. "As bolsas nacionais vão continuar a existir. E com muita atenção dada às PME".



MANUEL ALVES MONTEIRO

Era presidente-executivo da Euronext Lisbon entre janeiro de 2005 e junho de 2010. Anos de grande crescimento e de crise financeira. E não tem dúvidas quando questionado se Portugal precisa de uma Bolsa: "Claro que sim". Para Athayde Marques, a explicação é simples: "Há uma associação direta entre uma economia desenvolvida e um mercado de capitais desenvolvido". E refere "estudos recentes que provam que economias crescem mais rapidamente se tiverem um mercado de capitais forte". "Esta ligação é fundamental", afirma o gestor. Sublinha que as empresas portuguesas têm crescido por endividamento. "Portugal tem o pior rácio de dívida sobre o capital próprio na Europa", lembra. "As empresas estão descapitalizadas, não têm capacidade para crescer. Como podemos continuar a exportar, a criar empregos?", questiona. Para Athayde Marques, os bancos devem ajudar as empresas a financiar-se na Bolsa. "A Bolsa tem de ser apoiada, tem de se educar os gestores e terão de ser criados estímulos". Por exemplo, "pode haver incentivos fiscais mas em Portugal essa discussão não sequer se faz". "Tem de haver uma mobilização dos poderes públicos também".



MIGUEL ATHAYDE MARQUES



Ex-presidentes pedem ação urgente para salvar a Bolsa

A Euronext criou uma
equipa interna para atrair
mais empresas, numa
altura em que a Bolsa vive
a pior fase em 30 anos ^{€12}